

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



CASTRO, Aníbal Pinto de (Cernache, 17-01-1938 – Coimbra, 07-10-2010)

Professor universitário, crítico literário e historiador da literatura. De origem humilde, Aníbal de Castro (AC) frequentou o Liceu Normal de D. João III, onde, em 1955, concluiu o curso complementar (alínea a). Matriculou-se depois na Faculdade de Letras de Coimbra. Aí viria a obter todos os graus académicos e aí desenvolveu a maior parte da sua atividade de docente e investigador. Foi um dos mais conceituados e influentes representantes da escola filológica que remonta a Carolina Michaëlis de Vasconcelos, continuada por Joaquim Mendes dos Remédios e Álvaro Júlio da Costa Pimpão.

Ressalvando as diferenças epocais e idiossincrásicas, pode dizer-se que esta escola assenta numa visão positivista da história e surge norteadada por uma ética cívica e institucional: dar a conhecer a literatura portuguesa, com o máximo de rigor possível, através do estudo de textos e contextos. Este propósito segue aliás, de perto, um amplo movimento que surge nas universidades europeias por finais do século XIX, empenhado na construção de uma história da civilização ocidental, a partir do fenómeno linguístico e literário.

De forma direta ou indireta, AC deve ser considerado como um dos primeiros e mais importantes cultores do comparatismo na história literária portuguesa. Tendo iniciado a sua carreira académica em 1961, com a publicação de uma tese de licenciatura sobre a influência de Balzac na literatura portuguesa, AC viria a distinguir-se, na sua geração, por um alargamento de horizontes que resultava do conhecimento amplo e profundo das literaturas românicas e também clássicas, com destaque para a literatura latina. Esse conhecimento permitia-lhe não apenas a pesquisa de fontes no sentido mais convencional da palavra como o conduzia a aproximações de intertextualidade fecunda, no domínio da recepção ou da chamada “fortuna literária” dos autores e dos períodos ou movimentos que os enquadravam.

Sem prejuízo da importância de que se revestem outras realizações, o seu maior contributo para a construção da moderna história da literatura portuguesa é, sem dúvida, a dissertação de doutoramento que apresentou em 1973 e que viria a reeditar nos anos finais da sua vida. De facto, a referida obra mobiliza um vastíssimo acervo documental impresso e manuscrito, com destaque para documentos que se encontravam inéditos ou que se encontravam por estudar. Valorizando a importância da retórica e da poética normativa para o conhecimento da criação literária mas também para a pedagogia e a transmissão dos bens culturais em geral, AC construiu não apenas uma obra inovadora no panorama da cultura portuguesa e peninsular como uma referência ainda indispensável a quem queira compreender, em profundidade, a evolução da



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

dinâmica literária em Portugal e em Espanha, ao longo de mais de três séculos (entre o Humanismo e o Neoclassicismo).

Para além de ter o timbre de uma geração de filólogos que eram sobretudo “grandes leitores”, a cultura histórico-literária de AC reflete ainda uma curiosidade forte e intensa, que o conduzia inclusivamente ao contacto com os chamados “autores menores”. Aquilo que, à partida, poderia considerar-se uma mera deriva de investigação encontra fundamento em dois pressupostos muito importantes para o historiador da literatura que AC realmente foi. Com efeito, embora menos lidos pela posteridade, esses criadores acabam por contribuir, no seu tempo, para a constituição dos códigos estéticos dominantes. Por último, importa fazer notar que nesses mesmos autores (e não tanto nos chamados *autores maiores*) os referidos códigos podem ser apreciados de forma mais ampla e estabilizada.

O interesse incomum que votou a um grande número de autores “esquecidos” não o impediu, porém, de se concentrar num pequeno conjunto de “eleitos”. Neles reconhecia uma excecional capacidade de irradiação e a eles votava um indisfarçável afeto intelectual. É seguramente o caso de Luís de Camões, António Vieira e Camilo Castelo Branco.

Tendo fundado a cadeira de Estudos Camonianos na Faculdade de Letras de Coimbra (1976), Aníbal de Castro viria a regê-la até à sua jubilação, ocorrida em 2006. O seu saber camoniano, de que beneficiaram várias gerações de alunos, ficou sobretudo vertido numa coletânea de ensaios intitulada *Páginas de um honesto estudo camoniano*, que viria a público em 2010 e que traduz, no próprio título, todo um programa de verticalidade universitária. Aí podemos encontrar, entre outros estudos, uma análise sistemática do papel da mitologia na Lírica; aí podemos ver analisadas, de forma inovadora e convincente, questões de intertextualidade complexa como aquela que diz respeito à relação da lírica camoniana com a tradição poética peninsular ou a que se refere à contiguidade existente entre o relato do naufrágio do Galeão Grande São João e a releitura camoniana que dele é feita no Canto V de *Os Lusíadas*. A abrir essa mesma obra encontramos ainda um valioso texto de síntese sobre a vida e obra do poeta. O referido ensaio destinava-se inicialmente a figurar numa Enciclopédia. Foi depois editado em brochura pelo Instituto Camões, beneficiando de ampla difusão. O seu interesse pelo autor de *Os Lusíadas* encontra-se ainda atestado pela fundação do Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, que dirigiu ao longo de vários anos.

O seu gosto particular pela figura e pela obra de António Vieira começou durante a estadia em Itália, beneficiando de dois fatores: o conhecimento que possuía já dos códigos do Barroco europeu e a proximidade física em relação aos documentos que se preservam nos arquivos daquele país. A investigação que depois viria a prosseguir no quadro do seu doutoramento abriu-lhe perspectivas novas que cultivou ao longo de todo o seu percurso académico e que viriam a materializar-se num conjunto de estudos (dispersos por revistas e publicações coletivas), versando os códigos que suportam o pensamento vieiriano e também a natureza artística da sua escrita. O porfiado labor que desenvolveu em torno da vida e da obra deste autor haveria de conduzir à síntese amadurecida que escreveu para um público mais alargado e que viu a luz no Clube de colecionadores dos CTT.



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Embora incorporando o legado da escola filológica mais convencional, AC manteve-se ao corrente das transformações que ocorreram nos estudos literários ao longo da década de 70. Pode mesmo dizer-se que a sua excelente formação nos domínios da poética e da retórica facilitou a boa absorção das correntes estilísticas e narratológicas que valorizaram o texto tanto nos seus aspetos estruturais (tratando-se sobretudo da narrativa) como nos aspetos estéticos. Embora toda a sua obra constitua uma síntese entre o papel do contexto e a atenção ao texto, são exemplares, a este propósito, os trabalhos que consagrou à novelística de Camilo Castelo Branco. Movido por genuíno interesse intelectual e talvez também por algum tipo de simpatia humana pela figura do escritor, AC viria a aceitar a direção da Casa-Museu de Camilo. No desempenho dessas funções, haveria de desenvolver esforços persistentes nos domínios da recuperação e preservação patrimonial e na promoção de iniciativas ligadas à pesquisa e à divulgação cultural.

De entre os aspetos que melhor definem o seu vasto labor histórico-literário, merece destaque o empenho que colocou no estudo das relações entre a realidade histórica e a transformação ficcional. Esta linha de pesquisa, centrada naquilo que poderemos designar por “oficina do escritor”, revela-se aliás particularmente exigente, implicando o conhecimento conjugado da história e dos estudos literários. A esse propósito, para além dos autores já citados são relevantes os trabalhos que dedicou a Fernão Mendes Pinto e Eça de Queirós (autor sobre quem viria a escrever um estudo de síntese, ainda publicado pelos CTT).

Para além da sua atividade de Professor, o legado de AC envolve uma outra área de trabalho que abraçou com particular gosto e sentido de missão universitária. Refiro-me ao cargo de Diretor da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, que desempenhou ininterruptamente ao longo de cerca de duas décadas. Embora fosse um conhecedor de outros fundos bibliográficos em Portugal e no estrangeiro (designadamente em Espanha e em Itália), é inegável que o acesso ao rico património documental que se guarda naquela que é a segunda biblioteca do país favoreceu muito o seu magistério e a sua pesquisa, em termos de alargamento de interesses.

Desse modo, os estudos que publicou, as muitas conferências que proferiu em universidades e em outras instâncias académicas e as aulas que assegurou ao longo do seu percurso docente surgiam muitas vezes ancoradas numa invulgar familiaridade com o suporte material dos textos. O prazer da bibliofilia e o interminável interesse pela revisitação das fontes primárias permitiu-lhe formular hipóteses, corrigir posições (próprias e alheias) e assumir constantes renovações de perspetiva.

De entre as instituições científicas a que pertenceu, contam-se, em Portugal, a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Portuguesa de História, e, no Brasil, o Real Gabinete Português de Leitura. Para além do título de doutor “Honoris Causa” pela Universidade Católica Portuguesa, foi ainda agraciado com várias condecorações, com destaque para o título de Comendador da *Ordine al Merito della Repubblica Italiana*, Comendador da Real Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, Cavaleiro da Ordem Equestre do Santo Sepulcro e de Grande Oficial da Ordem Militar de Sant’Iago da Espada.

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Bibliografia ativa: *Balzac em Portugal. Contribuição para o estudo da influência de Balzac em Portugal e no Brasil*, Coimbra, 1960; *Retórica e Teorização Literária em Portugal. Do Humanismo ao Neo-classicismo*, Coimbra, Centro de Estudos Românicos, 1973 (reedição pela Imprensa Nacional/Casa da Moeda, em 2008); *Narrador, tempo e leitor na novela camiliana*, Famalicão, 1976; *Páginas de um honesto estudo camoniano*, Coimbra, Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, 2007; *António Vieira, síntese do barroco luso-brasileiro*, Lisboa, Correios e Telecomunicações de Portugal (Clube do colecionador), 1997; *Eça de Queirós. Da realidade à perfeição pela fantasia*, Lisboa, Correios e Telecomunicações de Portugal (Clube do Colecionador), 2001; *O regicídio de 1908. Uma lenta agonia da história*, Porto, Civilização Editora, 2008.

A estas obras há ainda que acrescentar o trabalho que desenvolveu ao longo de vários anos na direção da *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* e na coordenação de *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa* (Lisboa/São Paulo, 1995-2005). Contribuiu, de resto, com dezenas de artigos para uma e para outra.

Bibliografia passiva: Matos, Maria Vitalina Leal de, “Aníbal Pinto de Castro”, in *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, Lisboa/São Paulo, Editorial Verbo, 1995, cc. 1058-1061; Silva, Vítor Aguiar e, “Primavera e Inverno na filologia românica”, in *Colheita de Inverno. Ensaios de Teoria e Crítica Literárias*, Coimbra, Almedina, 2020, pp. 91-112.

José Augusto Bernardes